



CÉSAR MAXIMIANO DUARTE

A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA DE HUSSERL

BRASÍLIA/DF

2021

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como escopo a abordagem da redução fenomenológica de Husserl como importante ferramenta da epistemologia.

Para tanto, é necessário situar o pensador no contexto da história da filosofia: suas teorias nascem em um ambiente de verdadeira crise filosófica, que teve como ignição as conclusões de David Hume, as quais levaram o pensamento moderno ao positivismo de Augusto Comte. O caminho, contudo, não fora pavimentado por unanimidades, sendo Immanuel Kant um dos grandes opositores das ideias reducionistas de Hume.

Ao defender conceitos e juízos *a priori*, Kant não só se opunha às teorias sensoriais humeanas, que negavam a metafísica, como também abria caminho para que outros pensadores desenvolvessem uma filosofia de oposição. E Husserl, ao que parece, foi um dos grandes sucessores, posto que seu estudo fenomenológico se prestou a dissipar a crise gerada pela cisão entre ciência e filosofia, provocada pelo positivismo.

Deste modo, a contribuição de Husserl para a epistemologia foi imensa, sendo o seu conceito de redução fenomenológica - pautado em conceitos de Kant, como há de se ver nas vindouras linhas - importantíssimo para o desenvolvimento de pensamentos mais universalistas, a exemplo das concepções formuladas por Maurice Merleau-Ponty.

Para tanto, o método de desenvolvimento deste trabalho será o de explicitar como o pensamento de Hume foi o embrião do positivismo de Augusto Comte, sendo seguido pela oposição filosófica de Kant, que abriu campo para a construção da redução fenomenológica por Husserl, que, por sua vez, estimulou Merleau-Ponty a converter o processo fenomenológico *per si* em uma modalidade existencial.

2. A LINHAGEM FILOSÓFICA DO PENSAMENTO CIENTÍFICO

David Hume ficou conhecido por ser um dos grandes nomes do empirismo, doutrina que defende que todo o conhecimento humano provém unicamente da experiência, ou seja, do que pode ser captado do mundo pelos cinco sentidos do homem. Somente a partir dessa base experimental, então, é que o ser humano torna-se capaz de realizar a introspecção.

Segundo Hume, apesar de a introspecção dar-se no mundo subjetivo, ela só se torna possível pelas experiências sensoriais pretéritas. Portanto, tais teorias epistemológicas ficaram

conhecidas como **teorias da sensibilidade**, que descartavam em absoluto toda e qualquer verdade revelada ou transcendente, chamada de *apriorística*, inatas à razão humana.

Hume e os empiristas demoliram toda e qualquer ideia de ordenamento racional de experiência humana no tempo¹. E, uma vez sendo as experiências exógenas a base do conhecimento humano, nada mais lógico, portanto, que empreender esforços para a percepção desses fenômenos externos.

Corolário desse pensamento, surge, na França do início do séc. XIX, a corrente filosófica chamada **positivismo**, defendendo a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro. E, por assim entender, nada que não se utilizasse o método científico, qual seja a observação pautada no materialismo, em detrimento de toda e qualquer metafísica, não seria considerado um conhecimento válido.

Surgem, portanto, duas orientações dentro do positivismo: i) a orientação científica, que busca efetivar uma divisão das ciências, e; ii) a orientação psicológica, uma linha teórica da sociologia, que investiga toda a natureza humana verificável².

Exempli gratia, uma discussão entre dois metafísicos acerca da natureza do Absoluto, ou sobre o objetivo do universo, seria silenciada por um positivista, que cirurgicamente os questionaria da seguinte forma: “*que possível experiência poderia resolver a disputa entre vós?*”³.

Se por um lado o positivismo é um verdadeiro movimento antimetafísico, por outro lado é inegável que se trata de uma verdadeira romantização da ciência, depositando toda a sua fé na onipotência da razão, desde que essa razão se utilize do método científico – iminentemente observacional – para se estabelecer.

Deste modo, o positivismo classificou a ética humana através do viés cientificista: se não há objetividade na informação obtida, ou seja, se a informação não é derivada de simples observação, não é acessível à ciência, e, portanto, trata-se de informação inválida. Somente a experiência sensível seria capaz de produzir dados concretos (positivos), o que se dá, obviamente, única e exclusivamente a partir do mundo físico⁴.

Não é necessária muita desenvoltura intelectual para concluir que o positivismo jamais explica o porquê das coisas, limitando-se somente ao “*como*”. Também não se precisar ir muito

¹ VILLEY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental. Volume III: o despertar da filosofia moderna**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 184.

² BEZERRA, Juliana. **Positivismo**. Disponível em < <https://www.todamateria.com.br/positivismo/>>. Acesso em 25/05/2021.

³ VILLEY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental. Volume IV: filosofia no mundo moderno**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. P. 78.

⁴ In **Positivismo**, *op. cit.*

longe para igualmente concluir que os registros experimentais protocolares aparentavam e ainda aparentam ser privativos de cada indivíduo. Oras, se o sentido depende da verificação, e cada um de nós empreende a verificação por um processo a que ninguém mais tem acesso – ao menos não na exata medida –, como poderia alguém entender o significado de quem quer que fosse?⁵

É em oposição a essa corrente filosófica que se exsurge Immanuel Kant.

3. O KANT DE HUSSERL

O último passo antes deste trabalho tocar seu tema principal é um breve mergulho em Kant. Aliás, será nesse pensador que se encontrará uma ideia bem semelhante à redução fenomenológica de Husserl.

Defronte à devastadora demolição de qualquer ordenamento racional da experiência humana ocasionada por Hume, ninguém ficou mais perturbado que Immanuel Kant, que trabalhou arduamente para restabelecer a função do intelecto humano no ordenamento de nossas percepções⁶.

Kant inicia sua resposta a Hume distinguindo dois modos de conhecimento, e em seguida dois tipos de juízo. Primeiramente, ele distingue os conhecimentos em i) conhecimento derivado da experiência, que ele nomina de **conhecimento *a posteriori***, e ii) conhecimento independente de toda a experiência, que ele batiza de **conhecimento *a priori***. Depois, Kant distingue dois tipos de juízo: i) **juízo analítico**, que é do tipo “*se A é B, então B está contido em A*”; ii) **juízo sintético**, que é do tipo “*se A é B, então A e B guardam uma relação, não estando um dentro do conceito de outro*”⁷.

Em verdade, a distinção de Kant entre as proposições analíticas e sintéticas não é totalmente satisfatória, pois nem todas as proposições são estruturadas na forma simples sujeito-predicado. Alguns filósofos posteriores tentaram fortalecer a distinção, enquanto outros tentaram destruí-la⁸. Husserl é um dos que a mantém ao defender que a essência ou significação do objeto pela modalidade de relação é uma região eidética, ou seja, é da busca pela essência das coisas.

Kant ainda costura uma relação entre a distinção epistemológica *a priori/a posteriori* e a distinção lógica *analítica/sintética*. De modo abreviado, o conhecimento da matemática é a

⁵ In (...) **filosofia no mundo moderno**, op. cit. p. 79.

⁶ In (...) **o despertar da filosofia moderna**, op. cit., p. 184

⁷ *Idem*.

⁸ *Ibidem*, p. 185.

priori, pois é dotado de verdades universais e necessárias: nenhuma generalização que parta da experiência pode ter essas propriedades verdadeiramente metafísicas. No entanto, muitas verdades da aritmética e da geometria são sintéticas, e não analíticas: o juízo que diz que uma linha reta entre dois pontos é a linha mais curta entre eles é uma proposição sintética, pois o conceito particular de retidão não contém, em si, nenhuma noção de tamanho. Há, então, uma conexão entre o conceito de retidão e o menor tamanho entre dois pontos, posto que nenhum destes está contido no outro⁹.

A grande questão filosófica é a seguinte: como são possíveis tais julgamentos sintéticos *a priori*? A solução para tal questão é encontrada em Kant, e continuada, como se fosse um eco, em Husserl e Merleau-Ponty. Ensina Kant que **o conhecimento humano resulta da operação combinada dos sentidos e do entendimento que torna os objetos pensáveis**¹⁰. Em termos bem simplistas, esta poderia ser uma conceituação da redução fenomenológica de Husserl, tratando-se, contudo, de uma conceituação de Kant.

Contrastando matéria e forma, a sensação seria a responsável, *e.g.*, pela distinção entre um pedaço de azul e um pedaço de verde, entre o som de uma música clássica e o som de cães latindo. Esta seria a experiência original, onde o ser humano, pelo seu simples existir, seria uma lâmpada, iluminando, a cada instante, a realidade; tornando-a, através da sua existência, revelada.

O pensamento moderno, representado pelo positivismo, afastou-se do real ao desejar interpretar a revelação como uma espécie de aptidão ao conhecimento. Ao assim se posicionar, a *ratio* humana volta-se completamente ao conteúdo experimental, com o fim de dominar e alterar a realidade através da técnica.

Contudo, de acordo com Kant, se isolarmos a sensação de tudo o que de fato pertence ao entendimento, descobriremos que há duas formas de **pura consciência sensorial: espaço e tempo**. Essas são, para ele, as estruturas comuns em que nossas percepções são encaixadas¹¹.

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Idem.*

¹¹ *Idem.*

4. A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

4.1. Superando Brentano

Edmund Husserl teve seu interesse por filosofia despertado por Franz Brentano, que relacionara a filosofia aristotélica da mente à investigação experimental contemporânea. Os dados da consciência, para Brentano, eram todos fenômenos, divididos em duas espécies: físicos e mentais. Os primeiros eram coisas, como cores, aromas, sons, ao passo que os segundos eram nada menos que os pensamentos, fenômenos estes que possuíam um conteúdo, que ele chamou de *objeto imanente*. Brentano reintroduziu o termo escolástico de *intencionalidade*, que, segundo ele, era a chave para a compreensão dos atos mentais, e, em um sentido mais profundo, da própria vida¹².

Em que pese Brentano, ao propor uma psicologia sob o ponto de vista experimental, ter se filiado ao positivismo de Comte, diferenciava-se dos céticos por entender possível conhecer a verdadeira relação que existe entre as coisas. Brentano, então, rompe com a metafísica da psicologia, aplicando o método científico para delimitar seu objeto de estudo aos fenômenos, e adotar o seu método como formulação de leis gerais¹³. Muito provavelmente, esta disposição em se utilizar da metodologia científica tenha sido este o ponto fulcral de Brentano para Husserl.

Foi com foco na matemática que Husserl começou a detectar problemas nas raízes positivistas. Ele chegou à conclusão de que, com o olho de nossa mente, podemos enxergar apenas pequenos grupos, de modo que apenas uma pequena parte da aritmética pode ser considerada de base intuitiva. Quando lidamos com números maiores, contudo, passamos a outro patamar, abandonando o reino da intuição, rumo a um reino totalmente simbólico¹⁴.

Além da adoção de uma metodologia, Husserl adotou de Brentano a noção de intencionalidade, ou seja, a ideia de que o que é característico dos fenômenos mentais, como opostos aos físicos, é o que são voltados para os objetos. A imanência de um pensamento é o objeto, que constitui sua substância. A intencionalidade é, assim, o alvo do pensamento.

Para Husserl, duas coisas são essenciais a um pensamento: que ele tenha conteúdo e que ele tenha um possuidor. Ao se pensar em um cavalo alado, não se está pensando em um

¹² In (...) **filosofia no mundo moderno**, *op. cit.* p. 100.

¹³ BRITO, Evandro Oliveira de. **Franz Brentano e a Psicologia Empírica: um projeto de filosofia científica, com Comte, contra Comte**. Guarapuava: Revista Guairacá de Filosofia, 2015. v. 31, n1, p. 40-54.

¹⁴ In (...) **filosofia no mundo moderno**, *op. cit.*, p. 100.

gato, ou em um cavalo sem asas; e quando alguém pensa em um cavalo alado, esse pensamento, cujo objeto é o cavalo-alado, é o pensamento de uma única pessoa, e de mais ninguém. O conceito de cavalo alado, ou seja, a “*Xisidade*” platônica, seria a espécie à qual todos os pensamentos de cavalo alado pertencem.

Husserl então chega em um importante ponto: os conceitos são definidos como se fossem itens psicológicos. O campo da lógica funcionaria da mesma forma para ele: os conceitos de trigonometria, *e.g.*, estariam relacionados a corpos empíricos tridimensionais - uma ideia mais elaborada do juízo sintético kantiano.

Estabelecida a distinção entre psicologia e lógica, Husserl avançou para diferenciar a psicologia da epistemologia, reinventando a psicologia como uma nova disciplina, que ele denominou ***fenomenologia***¹⁵.

4.2. O Método Fenomenológico de Husserl

Quando vejo uma mesa, a mesa que vejo é, *per si*, um fenômeno. Se ela de fato existe no mundo físico, ou se é fruto de uma alucinação, pouco importa à fenomenologia de Husserl. Isso implica afirmar que a filosofia de Husserl seria uma espécie de psicologia de Brentano às avessas: o fenomenologista deve fazer um estudo fechado dos fenômenos psicológicos e pôr entre parênteses o mundo dos objetos extramentais. Há uma concreta *suspensão do juízo*, atitude que Husserl chamou de *epoché*, também conhecida como ***redução fenomenológica***.

A redução fenomenológica é a assunção de uma filosofia mais modesta, uma vez que descortina, como realidade, a existência de um processo pelo qual tudo o que é informado pelos sentidos é (re)construído em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. E essa consciência é a intencionalidade, pois ela se dirige para este algo, o tem como alvo. Deste modo, a fenomenologia de Husserl procura explicar os pensamentos pelo seu sentido, pela finalidade interna da sua mira.

O método fenomenológico husserliano é composto de duas etapas.

A primeira etapa é a redução fenomenológica, que isola o fenômeno, que é o objeto da fenomenologia, de tudo o que não lhe é caracteristicamente próprio. O que se pretende com essa redução é revelar a pureza do fenômeno. A existência do mundo metamental é suspensa, *posta em parênteses*, a fim de que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas

¹⁵ In (...) **Filosofia no mundo moderno**, *op. cit.*, p. 101.

pela consciência, sem qualquer questionamento referente à possibilidade ou não da existência física do que se pensa. Trata-se, portanto e como já dito, de uma etapa que se coloca em franca oposição ao positivismo de Comte e Brentano, ao mesmo tempo que se utiliza da delimitação de um objeto e de um método para o desenvolvimento de um estudo aprofundado, características inegavelmente positivistas.

A *epoché* subdivide-se, ainda, em dois momentos diferentes: i) **a redução eidética**, que é o despojar-se de tudo o que já tomou conhecimento a respeito do objeto, atingindo, assim, a sua *eidos*, ou seja, a sua essência. É a busca do significado ideal e não empírico dos elementos empíricos. Suspende-se o juízo sobre a existência do objeto real, a fim de examinar apenas e tão somente as suas representações; ii) **a redução transcendental**, onde há a suspensão do juízo sobre qualquer conteúdo do conhecimento, esvaziando-se de qualquer objeto conhecido ou desejado¹⁶. Tal redução acaba por descortinar a intencionalidade do eu, que, segundo Husserl, é o traço distintivo do conhecimento e de todas as suas manifestações

Despojada de qualquer pré-concepção, a mente então adentra na segunda etapa do método de Husserl: “*zu den Sachen selbst*”, ou seja, não só olhar, mas mergulhar na coisa em si mesma; penetrá-la por completo, fazendo com que ela se manifeste em toda a sua realidade¹⁷.

Husserl chega a dizer que o mundo poderia não passar de um sonho coerente. Ao afirmar isso, ele não o está negando, senão tentando afirmar que *epoché* implica na suspensão do juízo, não se utilizar de conhecimentos anteriores. Ele parte do pressuposto de que, para se conhecer a verdadeira natureza do fenômeno, é necessário aproximar-se dele com a **consciência pura**¹⁸. De acordo com Husserl, é somente nesse exercício de renúncia que as coisas se manifestam “em carne e osso”, como realmente são¹⁹.

¹⁶ HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

¹⁷ LONGARETTI, Mírian. **Conhecimento e Educação Matemática: Diálogos**. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná, 2005.

¹⁸ É nítida a semelhança com o já descrito pensamento de Kant, para o qual, se isolarmos a sensação de tudo o que de fato pertence ao entendimento, descobriremos que há duas formas de pura consciência sensorial, qual seja espaço e tempo. Mas na vida cotidiana, segundo Villey, os seres humanos jamais possuem consciência sensorial pura, impondo à mente sempre algo mais [Villey, (...) **O Despertar da Filosofia Moderna**, *op. cit.*].

¹⁹ *Idem*, p. 152, *in fine*.

5. A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL COMO BASE PARA A FILOSOFIA MERLEAU-PONTIANA²⁰

Segundo Merleau-Ponty, a compreensão husserliana de conhecimento é imprescindível para a superação da atitude natural, tratando-se de um alerta sobre a necessidade de se voltar ao *Lebenswelt*, ou Mundo do Ser, da reflexão sobre o modo com que o objeto se faz presente ao sujeito, sobre a concepção do objeto e a concepção do sujeito tais como se mostram na revelação fenomenológica.

A fenomenologia de Husserl transcende a empobrecida atitude natural, tão cara ao combatido positivismo, onde a relação do objeto com o sujeito é carente de subjetividade.

Em um giro perfunctório pelo método husserliano, é possível que a putativa compreensão se esgueire para o oposto, pois, se há a *epoché*, ou a suspensão dos juízos, o que Husserl estaria a propor seria a objetividade da relação sujeito-objeto. Contudo, o que ele propõe é muito mais profundo que o empirismo extremo: segundo ele, e como já visto, é na suspensão de todos os juízos que a verdadeira relação sujeito-objeto se estabelece, e dessa relação é que surge a luz que esclarece a verdadeira essência do objeto.

Merleau-Ponty, ao se utilizar da *epoché*, dá um passo adiante: é dessa relação que se percebe que sujeito e objeto se tornam um só. Por isso, não é equivocado afirmar que a filosofia de merleau-pontiana abandona a filosofia das essências, atingindo a filosofia da presença: o mundo não está diante de nós, mas sim ao nosso redor. O homem está nas coisas, e se engaja numa situação física e social. A existência é concreta e encarnada num corpo, que funciona como o veículo do *Sein* (ser) no mundo²¹.

Enquanto Husserl, em um segundo momento de sua maturidade intelectual, descreveu a relação do eu com o outro como um “fenômeno do acasalamento”, como uma “transgressão intencional”, como um juízo sintético kantiano, Merleau-Ponty entendeu que a consciência está enraizada no mundo, assemelhando-se, portanto, ao juízo analítico kantiano, com a diferença de que, para Merleau-Ponty, tanto o sujeito está contido no objeto como o objeto está contido no sujeito, situação imanente derivada de um enraizamento que se dá através da **intencionalidade** de Husserl, herdada, como se viu, de Kant. Dado esse enraizamento, conclui o filósofo que não existe um sujeito inteiramente autônomo e separado de seus objetos: a intencionalidade ocasiona a interconexão entre o indivíduo e o mundo.

²⁰ Tópico baseado na interpretação do item 3.2.2., (...) com um *Olhar* Merleau-Pontyano, de Mírian Longaretti, *op. cit.*, p. 177-216.

²¹ Cf. Longaretti, *op. cit.*, p. 178.

É nesse sentido que Merleau-Ponty afirma que o mundo percebido não é apenas o mundo de quem o percebe, pois não se trata de uma única consciência, e sim de todas as consciências que o sujeito pode vir a encontrar ao longo de sua vida. De acordo com ele, ainda, a redução eidética de Husserl descobre não só a intencionalidade, como também conduz à facticidade irreduzível, fazendo com que a constituição mergulhe num solo de postulados.

Enquanto Husserl chegou à essência como sendo *eidós*, para Merleau-Ponty ela não é *eidós*, tampouco *noema* (objeto), ou seja, a essência não é um produto de operações intelectuais desligadas da pertença do homem no mundo. A essência é, acima de tudo, a íntima relação entre pensamento e mundo, a verdadeira complementaridade entre objetivo e subjetivo, não sendo absurdo concluir que um não há sem o outro.

Ponty, assim como Husserl, aceitou que a fenomenologia é descrição; concordava com Husserl no sentido de que a exploração do mundo da vida seria inútil caso o sujeito fosse consciência constituinte e se o modo de presença dos objetos ao sujeito, na reflexão, fosse mera elucidação do modo de presença do sujeito aos objetos, na experiência.

O ponto de partida de Merleau-Ponty foi a *epoché*, mas, enquanto Husserl objetivava o descortinar da coisa como ela realmente é, Merleau-Ponty tinha como objetivo ir ao âmago da experiência incorporada. Sua ideia era ir além, de um modo transcendental: para ele, os fatos e as essências são abstrações, sendo que o que há são mundos, e não um mundo e um Ser. Para Merleau-Ponty, todo e qualquer meio é obstáculo, pois tudo o que há é o fim em si mesmo. Não há a coisa em si, nem o sujeito em si. O que há é o sujeito e o objeto mais do que codependentes: unos, imbricados. Segundo ele, “*não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece*”²².

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve o intuito de demonstrar as origens da fenomenologia de Husserl, não se limitando à filosofia da qual derivou (predominantemente kantiana), senão buscando a corrente filosófica contrária (Hume e, em geral, o empirismo), que, por surgir, provocou a reação que culminou no advento do método fenomenológico em Husserl.

²² In LIMA, A.B.M. **A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty**. In Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus: Editus, 2014. p. 108.

A redução fenomenológica husserliana foi de fundamental importância para a filosofia moderna, pois surgiu para superar as idiossincrasias que o positivismo, derivado do empirismo, sustentava. A *epoché* foi, sem dúvidas, a continuidade do retumbante brado a favor do restabelecimento da razão humana, todavia com um “toque” dessa mesma corrente filosófica contra a qual se exsurgia. Em um contexto hegeliano, é possível afirmar que a fenomenologia de Husserl, em especial o seu método, é em certa medida uma síntese entre o racionalismo e o empirismo.

A importância de seu método, contudo, transcende sua própria definição, pois foi a partir dele que Merleau-Ponty estruturou seu pensamento, logrando êxito em transcender, em um único solavanco filosófico, a tese racionalista, a antítese empirista e a síntese husserliana. Ao partir do método de redução fenomenológica de Husserl, Merleau-Ponty inaugurou uma nova epistemologia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Juliana. **Positivismo**. Disponível em <
<https://www.todamateria.com.br/positivismo/>>. Acesso em 25/05/2021.

BRITO, Evandro Oliveira de. **Franz Brentano e a Psicologia Empírica: um projeto de filosofia científica, com Comte, contra Comte**. Guarapuava: Revista Guairacá de Filosofia, 2015. v. 31, n1, p. 40-54.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

LONGARETTI, Mírian. **Conhecimento e Educação Matemática: Diálogos**. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná, 2005.

VILLEY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental. Volume III: o despertar da filosofia moderna**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 184.

VILLEY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental. Volume IV: filosofia no mundo moderno**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. P. 78.

LIMA, A.B.M. **A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty**. In Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus: Editus, 2014. p. 108.